

ASSINATURA
Ano Cr\$ 300,00
REDAÇÃO
Rua Barão do Rio Branco, 106

O ALBOR

Diretor Geral
ANTONIO BESSA
— x —
Cidade Postal, 7

O JORNAL MAIS ANTIGO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Ano L XIII

Laguna, 21 de maio de 1964 — Santa Catarina

N. 3 021

O V Exército em ação

ERIGENIO GUIN

Des Jornais

O Gov. da Bahia adere à tese de Lacerda

Notável iniciativa

ANGELO NOVI

Universidade Federal de Santa Catarina Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo Junho de 2000

EM ARTI-
LINHA MAG
movimento su
com o evident
vigentes por u
Congresso e
quilha a apêti
mente formal

Quando se
do Rual Pila q
te impede a a
medido poder pessoal ue que o regime presen
cialista investe o Presidente da República — real-
mente o poder de gastar e o poder de nomear são
duas armas de um tremendo potencial de sedução
e de corrupção. Mas para que eles funcionem, é
preciso que haja o que se deixam seduzir e cor-
romper.

Quando às Forças Armadas, às quais cabe por
dispositivo constitucional a defesa da Ordem e da
Lei, parece dominar a convicção de que sua func-
ção passiva, a saber, que se limita a impedir o gol-
pe com a derrubada violenta das instituições. O fa-
to de essas instituições possam ser aniquiladas p
meios outros que não o do clássico "golpe" n
parece ter penetrado no entendimento dos milit
res. É o fenômeno da Linha Maginot, a que eu r
refleti. Apesar dos inúmeros exemplos, que regist
a história política deste século, de derrubada d
instituições sem golpe militar direto, as Forças Ar-
madas se obtinam em desconhecê-los. Por carênc
cia de visão? Por comodismo? É difícil dizer.

Mas a subversão prossegue a olhos vistos. Se
não, vejamos.

A Petrobrás acaba de dar ao País o espetáculo
de um dos mais numerosos e potentes escândalos
da nossa história administrativa. O que fez o
Governo? Além de procurar entorpecer e dificultar
a tarefa das duas Comissões de Inquérito, a princi-
pal providência foi a de nomear para a presiden-
cia da empresa o Marechal Osvaldo Ferreira Alves.
É de supor que esse marechal tenha dado provas,
no decorrer de sua carreira, da especial capacidade
administrativa requerida para a comp
só de sanear a empresa pela eli-
elementos espúrios, como de reorgani-
tura para torná-la eficiente.

Qual foi, entretanto, a primeira
sugestão pelo marechal? Encampar as
técnicas, algumas das quais, como é
ilustrado salientemente, verdadeiro padrão
técnica e administrativa]

Qual pode ser o objetivo dessa i-
nar o modelo pelo qual se pode me-
ineficiência da Petrobrás e da incapaz
dirigentes? Vingar-se de Capuava, para satisfação
dos sindicatos, por ter essa empresa continuado a
funcionar e a suprir São Paulo, por ocasião da últi-
ma greve de energia pelos elementos da subversão?

Tudo isto é possível. Mas o principal objetivo
é concentrar nas mãos de Goulart, Osvaldo, UET &
Cla. O PODER DE PARALISAR O BRASIL, quando
destes lhes convier. Porque tanto o Rio de Ja-
neiro como São Paulo não tem estoques de combus-
tível líquido para uma semana sequer de consu-
mo. Suspensão o suprimento do combustível paralisa-
sa-se a Nação. Com que fonte de energia se pode-
rão movimentar os transportes urbanos? Com que
força contarão as locomotivas diesel ou os cami-
nhões de carga? Com que combustível disporão ne-
se dia os tanques do Exército
ou os caminhões para tran-
contin

Dr. Mariano da

Em visita a nossa cidade
entre nós, acompanhado de seu irmão dr. Margaleto Ro-
drigues, o dr. Mariano da Silva Rodrigues, residente na
cidade de São Paulo.

No visita que fez a vários pontos da cidade, re-
cebeu do que presenciou a melhor impressão.

A tarde voltou a Cricúma, de onde seguiu para
São Paulo.

Ao dr. Mariano, desejamos feliz regresso à sua
terra natal.

nista para intimidar os democratas.

Despedindo-se dos bahianos, disse o governa-
dor exilado: Breve voltarei a este Estado para dar
prossequimento à campanha de radicalização de-
mocrática dos brasileiros contra a minoria extrema-
ta ululante que deseja confundir o Brasil.

Afirmando-se socialista progressista, isto é
radical democrata o governador Lomanto Junior a-
firmou que doravante, reagirá contra qualquer pro-

Relatório Final

no começo de um movimento que começou a
táculo deprimente encheu de inquietude o Brasil,
pois durante o comício do próprio Presidente da Re-
pública pediu o encerramento do Congresso, tentou
contra a Constituição e deixou claro ainda que as
reformas vão ser impostas ao Brasil de qualquer
maneira.

Disse mais o dr. Azeiteiro de Barros: — O co-
mício da Guanabara feré todavia, frontalmente, a
consciência democrática nacional. Ele foi organiza-
do de forma totalitária.

O povo a ele não compareceu espontanea-
mente, como seria normal. Vimos um mês antes, sili-
cidades percorrendo o Brasil, contraindo manifes-
tantes — a 10 mil cruzeiros cada um em São Pau

Jornal O Albor 1901 — 1965

gurava, em Bangô, a Escola Preclinha João da Sil-
va, com a presença de enorme multidão, que com-
pareceu espontaneamente, sem passagens pagas,
sem almoço e sem sanduíches.

Presentes estiveram, também, o marechal Ma-
carenas de Moraes e muitos oficiais de Deodoro,
os quais fizeram questão de cumprimentar o G-
vereador. Curioso é que, quando este se dirigia
para a Escola, seu automóvel cruzou com tanques
que iam para a cidade, a fim de dar proteção ao
comício da Central. Os tripulantes dos tanques, ao
verem o Governador, saudavam-no fazendo o "V"
da vitória.

N. S. de Fatima no avião de Lacerda

Lucia Maria Barros da Silveira

Bessa, secretário particular, do sr. Cardeal D. Jal-
me Camara. Tratando-se de um candidato que mul-
to se preza de católico convicto, nada mais compre-
ensiva do que esta oferta dos amigos do G-
vereador Guanabarrino que se vai tornando de sul a
norte do Brasil cristão, o candidato das massas de-
mocráticas do Brasil anti-comunista.

o de higiene mental,
a apreensão dos a-
ntais iniciativas par-
lam frutíferas.

r que até nos mais
do brasileiro, grupos
se desde há muito o
sua posição confort-
gileola.

na que está a exigir
ão de nossa agricul-
as e econômicas, pu-
pode nos fornecer. O povo precisa alimentar-se bem
e a baixo custo.

Mas, ao mesmo tempo em que se providencia
a solução do problema agro-pecuário, é preciso pun-
suar na diversificação industrial nas diversas regiões
gêo-econômicas do País.

Estes comentários, vêm a propósito de uma
informação que nos foi prestada ontem por um
igo.

É que na vizinha cidade de Tubarão, um grupo
tubaronenses e gatchos constituiram uma socie-
dade que construirá nas cercanias daquela cidade,
a fábrica de transformadores elétricos.

Com um capital subscrito de 70 milhões de
zelos, naturalmente inicial, aquela sociedade es-
tá estabelecendo um novo marco no rumo do de-
volvimento econômico do sul do estado. Uma
fábrica de transformadores já existente, mais o
bra de artesanato, será transformada em verdadeiras
indústrias.

Não conhecemos os nomes dos homens que
tomaram tal iniciativa. De qualquer maneira, porém,
aquí fica consignado o nosso sincero aplauso com
os mais firmes votos de total êxito. A
rança de que tão louvável iniciativa, encontre
guilhões em outros rumos de atividades essenciais
como essa.

Esses homens, ao mesmo tempo em que revelam
nitida compreensão da importância socio-econ-
ômica de tal empreendimento, estão dando aos ca-
pitalistas do sul do Estado uma lição de coragem
uro do País.

coavardaram ante a perigosa espiral
ue está desviando os capitais da in-
legítimo comércio, para a aplicação
os capitais nacionais; dando assim
ue capitais estrangeiros venham a ex-
quillo que poderia ser perfeitamente
r nós mesmos, se tivéssemos mais ho-
aqueles de Tubarão.

estes comentários, acode-nos à me-
m sob todos os aspectos lamentável, o-
guns anos aqui em Laguna.

Nosso saudoso amigo Chico Pinho, que muita
faixa fez a esta terra; em determinado momento,
tendo compreendido que nesta infeliz cidade, já era
hora de deixar de esperar por obras governamen-
tais, tomou a iniciativa de construir uma sociedade
para a instalação de uma grande tecelagem aqui em
Laguna.

Seria indiscutivelmente um grande passo no
sentido da libertação econômica de Laguna.

Em poucos dias, conseguiu a subscrição total
do capital, parece-nos de 12 mil contos (isto há cer-
ca de 15 anos).

Tudo pronto, realizou-se a assembleia de cons-
tituição da sociedade, que resultou em agas de
barrelas, porque segundo expressão textual do nos-
so amigo Chico Pinho, "todo mundo queria ser di-
retor da firma.

cialiva de tão alto alcance
teria escudido com o mare-
talmente, pela incompreensão
de Laguna.
ste, o maior desgosto que
sta terra que era a sua e que
é a progressista.

Tão lamentável fato não aconteceu em Tubarão.
Lá está constituída a sociedade. A direção em-
prel e técnica, será confiada naturalmente aos m
categorizados. E o sucesso estará garantido.

Guias estadual e federal a venda n/ tipografia

Casa de vô é sempre uma lugar muito bom. Mas, quando a casa do vô é também a do bisavô é muito melhor. Já faz quase trinta anos que não entro na casa em que eles moravam, mas minha memória registrou tão fortemente imagens, sons e cheiros que muitas vezes, mesmo sem querer, volto em pensamento para lá.

Era um lugar muito animado. Com gente sempre entrando e saindo. De um dos quartos, sempre chegava som das flautas de meus tios-avôs: Agenor, o Tutu e Manoel, o Maneca. Era agradável e suave, mesmo quando tocavam só a escala. O som de flauta até hoje tem o poder de me transportar para esses dias da minha infância.

Meu bisavô Bessa – dono do jornal O Albor - sempre foi alegre e doce. É uma lembrança especial da minha infância, de tantas ausências e perdas. A primeira coisa que fazia quando eu e meus irmãos chegávamos era pegar no bolso ou no armário um lenço xadrez, de onde tirava dinheiro para nos dar. Cumprido o ritual abaixava-se até nossa altura para ganhar beijos e abraços.

Nas minhas primeiras lembranças ainda vestia-se de terno e nos levava para passear no quintal enorme da casa. Nos soltávamos ao lado dele, seguros pela sua presença. Minha avó, filha dele, já tinha morrido, meu pai também, mas junto a ele não tinha tristeza. Era só alegria e descoberta.

Lembro do cheiro forte de tinta, das régua de letras e do barulho infernal da máquina da tipografia, que ficava na construção ao lado da casa, onde antes também funcionava o Albor.

Gostava de sentar na porta e olhar aquele maquinário enorme funcionando. A história desse trabalho começou ali. Há mais de trinta anos, quando eu ouvia os passos do meu bisavô Bessa no assoalho da casa e de mão com ele saía para a tipografia.

Na mesma casa morava meu avô Álvaro. Pai de meu pai e genro do vô Bessa. Era silencioso e circunspecto. Sabíamos que sofria calado a morte tão prematura de seu filho mais velho, meu pai, o Tuta, que morreu com 36 anos de enfarte fulminante.

Gostava de contar histórias e dele ouvi muito sobre nosso jornal e sobre nossa família. Felizmente com ele pude conviver até os meus 32 anos. Sempre foi o grande incentivador da realização desse trabalho. Quando passei no vestibular quem parecia ter conseguido a aprovação era ele tamanha a sua felicidade. Nessa época ainda mantinha em seu poder os arquivos completos das 3.053 edições do Albor. Nós dois passamos muitas

horas discutindo como o livro seria feito: quem seriam as fontes e quais as imagens que usaríamos. Enfim, planejamos - antes que eu tivesse tido uma aula sequer no curso de jornalismo - o meu trabalho de conclusão.

Por problemas pessoais dois anos depois eu abandonei o curso e ele jamais me cobrou nada. Mas, se desfez de tudo que tinha guardado. Os arquivos do jornal ele doou para a Prefeitura da Laguna e o resto engavetou. Até morrer, em fevereiro de 1996, ele nunca mais tocou no assunto do livro comigo.

Infelizmente não viveu para vê-lo realizado.

De meu pai Tuta não me lembro. Morreu quando eu tinha três anos. Mas sempre que ouvia falar dele era sobre sua paixão pelo carnaval, pelo jornalismo e por esportes. Sei que foi buscando meu pai que descobri minha vocação.

Quando o vô Bessa morreu eu tinha sete anos. Ele foi enterrado num dia ensolarado como ele. Não fiquei triste. Tristeza não combinava com ele. Acostumei-me com sua ausência. Mas não esqueci o avô do meu pai.

Minha lembrança mais forte da casa dele é um pequeno arbusto que floresce muito colorido, com flores brancas, rosas e lilases. Ele se espalhava por toda a extensão do terreno. O nome da flor do arbusto - saudade - sintetiza bem o sentimento que me levou a realizar esse trabalho.

Em agosto de 1996 eu retornei ao curso de jornalismo. Mas, desestimulada pela morte de meu avô cinco meses antes, até o final da 5ª fase não conseguia aceitar a tarefa de escrever o livro sem ele. Considerava um trabalho muito grande, que envolveria minha família e minhas emoções.

Só depois de conversar várias vezes sobre minha cidade e sobre o jornal com a professora Gilka, foi que me senti encorajada a pelo menos tentar. Ela me fez acreditar que eu conseguiria e que seria uma experiência importante. As matérias que escrevi para a disciplina dela foram o laboratório desse trabalho.

Mas ainda faltava alguma coisa. Como o trabalho era imenso decidi dividi-lo com alguém. Então se juntou a ele a Danielle. Encantada com as histórias que me ouvia contar sobre o jornal, a família e a cidade ela topou o desafio de compartilhar comigo a autoria do livro.

A dupla estava formada e afinada. Colocamos, então, mãos à obra. A primeira providência prática foi tentar entrevistar minha tia-avó Lourdes, a única filha viva do vô Bessa. Como ela já está com muita idade ficamos com medo de sermos surpreendidas por alguma doença ou coisa pior. Decidimos começar por ela.

Dia 26 de abril de 1999 – sábado – peguei o ônibus de manhã, munida de um gravador, algumas fitas e pilhas, e com um enorme frio na barriga. O trabalho ia mesmo acontecer, e começou a me dar um pavor. Mas, não foi só em mim. Quando eu cheguei na Laguna recebi a seguinte notícia: nervosa com a entrevista, minha tia tinha baixado hospital. Nada feito. A entrevista tinha que ser adiada.

Até setembro nos reunimos duas vezes por semana para discutirmos o trabalho, trocarmos idéias e planejarmos exatamente o que iríamos fazer.

No dia 1º de setembro de 1999 tivemos a primeira aula de projetos. Já tínhamos definido que o orientador seria o professor Locatelli e já havíamos elaborado um mini cronograma dos primeiros passos que daríamos.

Já no dia seguinte localizamos uma coleção quase completa do Albor na Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis. Mas a diretora da biblioteca nos comunicou que o arquivo estava indisponível para pesquisa, por tempo indeterminado, por conta de uma reforma no prédio.

Mas não tínhamos alternativa. Sem a pesquisa nos arquivos do jornais o trabalho não aconteceria. Mesmo diante de todos os nossos argumentos a diretora ficou inflexível. Nada convencia a senhora da necessidade que tínhamos. Mandamos ofícios, declarações e nada. Até a possibilidade de um convênio entre a biblioteca e a UFSC, que receberia o arquivo e nos monitoraria a pesquisa, nós tentamos. Mas nada convencia a dona Virgínia.

Simultaneamente a essas negociações, tentamos também, localizar os arquivos doados à prefeitura da Laguna que estavam desaparecidos. Fazia algum tempo que ninguém botava os olhos nele. Cada autoridade jogava a responsabilidade para outra. Um dizia que estava num lugar, lá diziam que estava em outro e assim ficamos durante um mês.

Aqui na capital, decidimos apelar para o superior hierárquico da diretora da biblioteca, o presidente da Fundação Catarinense de Cultura – Iaponam Soares.

Dia 15 de setembro fomos recebidas por ele que se mostrou muito solidário conosco. Prometeu interceder em nosso favor. Pediu que levássemos nosso pedido por escrito. Na manhã seguinte o ofício já estava nas mãos dele.

No final de outubro o arquivo da Laguna foi achado. Assim que recebemos a confirmação da localização, peguei o primeiro ônibus e fui até lá, para saber se era verdade, o que realmente estava arquivado e o estado de conservação do material.

Encontrei o arquivo na Casa Pinto Ulissea que é a sede da Secretária Municipal de Turismo. Estava praticamente completo e, o que era melhor, disponível para que pesquisássemos.

Mas o ideal era que conseguirmos pesquisar aqui em Florianópolis pois a Danielle trabalha e faz outra universidade e eu tenho dois filhos, a caçula ainda pequena. Nos ausentarmos por longos períodos seria muito difícil.

Durante o mês de outubro começamos as entrevistas com as fontes que moram aqui na cidade ou que estavam de passagem por aqui. Foram seis encontros. Conversamos com Marlene Barros da Silveira, Altair Bessa Fernandes, Alice Bessa Fernandes, Maria da Penha Silveira Pinho, Solange Cravo Silveira, e Saul Ulisséa Baião. Essas entrevistas renderam oito horas de gravação. A maior dificuldade de entrevistar a família Bessa é que todos são muito emotivos. Choram copiosamente com muita facilidade. Por vezes, para gravarmos 15 minutos de entrevista, precisávamos dispor de duas horas, para que se acalmassem, se colocassem a vontade e então tornassem a falar.

Como o silêncio da Fundação Catarinense de Cultura já se estendia muito, ligamos só para dar uma checada no andamento do nosso pedido e descobrimos que o diretor tinha esquecido dele. Engavetara nosso ofício e por mais de um mês nenhuma providência tinha sido tomada. Dois dias depois da ligação ouvimos a resposta que tanto esperávamos: podíamos pesquisar na biblioteca.

A diretora nos chamou para uma conversa e não estava muito feliz em ter sido obrigada a mudar de posição. Decidiu que só poderíamos pesquisar ou de manhã ou a tarde. Perguntou qual tínhamos livre e determinou que nosso horário seria no período oposto ao que preferíamos. Ainda assim era muito melhor do que ter que viajar para Laguna e pagar hotel. Aqui teríamos nossas férias da universidade para tocar a pesquisa. Nos acalmamos e decidimos iniciar os trabalhos no início de dezembro.

No dia 10 de novembro a diretora da biblioteca nos ligou dando a seguinte contra ordem: só poderíamos usar os arquivos até a metade de dezembro, quando ela iria fechar, por tempo indeterminado, os arquivos de periódicos anteriores a 1980.

Tínhamos um mês para pesquisar os 63 anos que durou o jornal. E conciliar tudo isso com o semestre na universidade que estava na época de provas e entrega de trabalhos.

No primeiro dia de pesquisa não pudemos trabalhar. Não sabíamos, era necessário o uso de luvas e máscaras especiais para manusear o jornal.

No dia seguinte – 12/11/1999 - começamos o trabalho de pesquisa.

O arquivo daqui não está completo. Começa no de 1919. Foi o primeiro ano que pesquisamos. Quanto mais trabalhávamos, mais nos assustávamos com o tamanho da pesquisa. A média por dia era de três anos. Isso, chegando na biblioteca as oito horas da manhã e saindo às 19. Parávamos ao meio-dia e comíamos numa lanchonete próxima dali para não perdermos tempo.

O primeiro método que tentamos para agilizar a pesquisa foi gravar as informações que colhíamos. Não funcionou porque era uma quantidade era muito grande. Tentamos filmar os arquivos para agilizar a pesquisa, mas também não funcionou. As fitas são caras e acabam logo. Decidimos anotar em folhas, que pré preparávamos com os seguintes tópicos: assuntos; colaboradores; colunas e seções; anúncios e publicidades; curiosidades e diagramação. Cada ano ocupou, em média, três folhas de papel ofício.

Quatro dias depois chegamos a conclusão que não daríamos conta. Eu conversei com meus professores da universidade e consegui que me liberassem a presença e a Danielle antecipou as férias. Foram 35 dias úteis de pesquisa, aproximadamente 250 horas de leitura para cada uma de nós.

Para mim foi um período de extrema emoção. Afinal eu cresci ouvindo as histórias do Albor. Sabia o quanto minha família esteve envolvida na publicação do jornal. E a cada dia de pesquisa, cada linha que meu bisavô e meu avô assinavam aumentava meu orgulho de ser parte dessa história. E principalmente de estar cooperando para que ela não se perdesse para as próximas gerações de minha família. Mas a maior emoção ainda estava por vir. No dia 12 de dezembro, lendo uma coluna de esportes, pela primeira vez, localizei meu pai no jornal. Eu sabia que o pseudônimo dele era nosso sobrenome – Silveira - ao contrário. Eu pensava em Arievlis, mas era Ira Sylve. Foi como se eu pudesse, depois de

mais de trinta anos conversar com esse pai que praticamente não conheci. Era como se pudesse ouvir a voz dele através das matérias que assinou. Nesse dia tive que encerrar os trabalhos mais cedo. Chorei tanto que não tive mais condições de continuar. Relembrei durante esse tempo especial da pesquisa muitos momentos alegres da minha família, mas revivi também muitas dores, como a morte de meu irmão Luiz Felipe. Tudo através das notícias do jornal. No dia 22 de dezembro fomos comunicadas que nosso tempo tinha acabado.

Estávamos tão cansadas que decidimos tirar férias até o dia três de janeiro de ano 2000.

Recomeçamos os trabalhos com uma reunião para fazermos um levantamento do material que tínhamos e definir os novos passos. O livro já começava a tomar forma em nossa cabeça e já tínhamos um arquivo respeitável.

Dia cinco de janeiro recomeçamos as entrevistas com o Sr. Sérgio Gomes Mattos, neto de Joca Moreira, o maior colaborador e o melhor amigo do vô Bessa.

No dia oito soube da morte do Cassinho. Ele foi funcionário da gráfica do vô Bessa por mais de vinte anos. Quando comecei a listar as possíveis fontes para o livro recebi a informação que ele já tinha morrido. Fiquei muito chateada porque quando organizava, lá em 1984, o livro com o vô Alvinho, muitas vezes ele dizia “Isso o Cassinho sabe”, “Aquilo o Cassinho vai saber dizer”. Em outubro passado, conversando com minha tia soube que tinha recebido uma informação errada e que ele estava vivo, mas infelizmente, tinha tido um derrame cerebral naquela semana. Quando ele saiu do hospital fomos até Laguna com uma lista interminável de dúvidas que as pesquisas tinha nos deixado e principalmente com curiosidades sobre o “parque gráfico” do jornal. Infelizmente o problema cerebral tirou-lhe a possibilidade de falar ou escrever. Voltamos para Florianópolis frustradíssimas. Com a morte dele as informações que possuía sobre rotina gráfica do jornal se perderam.

Desde o início esbarramos nesse tipo de dificuldade. Todas as nossas fontes eram secundárias quando o assunto era a execução do jornal. Os principais colaboradores já estão todos mortos. Decidimos, então, colocar notas nos jornais e nas rádios da Laguna procurando fontes primárias. Pessoas com alguma história pessoal ligada ao jornal. Abrimos espaço para que qualquer pessoa que quisesse falar sobre o Albor se manifestasse.

Criamos um endereço na internet e divulgamos para a imprensa, junto com um endereço para correspondência.

Todos os jornais e rádios da Laguna nos atenderam prontamente. Durante todo o mês de janeiro até a metade de fevereiro em todas as edições eles pediam que as pessoas entrassem em contato conosco.

Recebemos inúmeros contatos. Mas nenhum era o que esperávamos. Um colaborador fixo, um colunista, um funcionário da gráfica, alguém que tivesse vivido a rotina do jornal.

Só quando o nosso pedido foi publicado na coluna do jornalista Moacir Pereira foi que apareceu o Sr. Dakir Polydoro. Fui acordada no dia três de fevereiro com ele no telefone se oferecendo para nos receber e falar sobre o jornal. Dois dias depois estávamos em sua casa. Infelizmente em função da idade sua memória já não ajudava muito. Mas foi muito emocionante. Ficou muito surpreso quando soube que meu pai, que o sucedeu na coluna esportiva, já tinha morrido. “Aquele moço já morreu?” me perguntou. O detalhe é que “aquele moço” hoje teria 70 anos.

Dia oito de fevereiro viajamos para Laguna. A Danielle não conhecia a cidade. No dia que fomos visitar o Cassinho nos deslocamos da rodoviária para a casa dele e de lá voltamos direto para Florianópolis. Desta vez mostrei-lhe tudo. Fiz um “tour-Albor” com ela. Mostrei a casa do vô, a última sede do jornal, as ruas que ela leu nos arquivos, a igreja, a praça, minha antiga casa e até no túmulo do vô Bessa, do vô Alvinho e do meu pai. Ela pode, então, dar o cenário para os fatos que já conhecia tão bem através da pesquisa que realizamos.

Desde de que decidimos escrever o livro dividindo os capítulos por décadas tínhamos a intenção de antes de cada uma delas reproduzir uma foto de época da cidade. Assim que chegamos na Laguna fomos até a loja Foto Bacha que tem o maior acervo fotográfico da cidade. Estão na terceira geração de fotógrafos, por isso tem fotos desde o final do século XIX.

Quando olhamos os arquivos deles ficamos maravilhadas. Tinham tudo o que queríamos e umas que nem podíamos supor que existissem. A foto da Laguna em 1901, ano que o jornal foi fundado, me tirou o sono. A cidade era uma vila. Queria dividir com os leitores do nosso trabalho aquela visão. Separamos fotos incríveis de cada década que

mostravam o desenvolvimento da cidade. Tudo a ver com o que pensávamos em escrever. Nossa intenção era contar como o jornal tinha acompanhado as transformações do mundo nos 63 anos que circulou. Poder mostrar visualmente isso era perfeito. Mas tinha um problema. As oito fotos que escolhemos nos custariam uma fortuna. Duzentos e setenta e dois reais. Trinta e quatro reais por foto. E aquela de 1901 eles não reproduziam. Como não tínhamos condições financeiras para bancar o custo das outras, tivemos que esquecer o projeto. Mas até o último momento de fecharmos o trabalho ficamos tentando uma forma, um jeito, de conseguirmos o dinheiro. Não foi possível.

Ficamos três dias na Laguna. Quando fomos pesquisar os primeiros anos do jornal descobrimos que os arquivos de lá começavam na 47ª edição. Três anos tinham sumido. Os primeiros. Os dois últimos números também. Outra dificuldade porque o trabalho não seria o mesmo se não tivéssemos acesso a eles. Conversando com os servidores da Secretária descobrimos que um funcionário aposentado do Banco do Brasil e pesquisador da história da cidade tinha os tais números. Coincidentemente ele tinha tudo o que faltava no arquivo que meu avô doou completo para a prefeitura.

Como não conseguimos localizá-lo durante os dias que estivemos lá, aproveitamos para pesquisar os outros anos. A Secretaria, onde ficam os arquivos, tem um horário de funcionamento peculiar – das 7 às 13 horas. Para aproveitar bem o tempo que estávamos lá, chegávamos antes que abrissem as portas e só saímos quando o último funcionário nos expulsava. A casa que sedia a Secretaria é um ponto turístico da cidade. É uma reprodução de uma vila portuguesa e foi construída em 1748. Um lugar maravilhoso, como tantos outros da cidade, o que abrandava a dureza do trabalho.

As tardes e noites aproveitávamos para entrevistas e leitura de obras sobre Laguna que não podem ser retiradas da Biblioteca Municipal de lá. Coisas Velhas, de autoria de Saul Ulisséa, colaborador do Albor, que foi publicado em capítulos no jornal, só encontramos lá.

Nessa viagem conseguimos finalmente a entrevista com minha tia-avó Lourdes. Decidi chegar de surpresa na casa dela. Desta forma ela não teria como ficar nervosa. Chegamos como quem não queria nada e começamos a conversar com ela, que está com 86 anos. Explicamos o nosso trabalho, o que já tínhamos feito até ali, e o que esperávamos que ela pudesse nos contar. Descobrimos que o seu maior medo era nos decepcionar, não

sabendo nos dar informações técnicas do jornal e de ser traída pela memória. Quando soube que o que nos importava era a vivência dela com o jornal e com as pessoas envolvidas com ele, e principalmente as lembranças dela com o Velho Bessa, ela relaxou, autorizou que eu ligasse o gravador e tivemos momentos de pura emoção. Tia Lourdes humanizou, para nós, as pessoas que só conhecíamos através das páginas do jornal. Mesmo eu, que além de ser da família sou lagunense, algumas pessoas só conhecia de nome. Ela ia contando as histórias e nós íamos voltando ao passado junto com suas lembranças. Saímos da entrevista com uma visão mais humana do jornal e com as pessoas que cercavam meu bisavô na execução do Albor mais conhecidas, mais próximas de nós.

Ainda durante essa viagem entrevistamos: Marianto Bessa Fernandes, Márcio Bessa Fernandes, Jairo Ulisséa Baião, Amélia B. Baião, Adib Massih e Márcio José Rodrigues. Totalizando mais 7 horas e meia de gravação.

Uma curiosidade sobre minhas lembranças de infância descobri por esses dias. Conversando por telefone com minha tia Penha – única irmã do meu pai que está viva – contei sobre as florzinhas do quintal da casa do vô que eu adorava e descobri que o nome delas é saudade. Era a síntese do que eu sentia. Foi mais uma choradeira minha e dela.

Durante as pesquisas na biblioteca descobrimos que a primeira mulher a escrever para jornal foi a médica Wladislava W. Mussi. Ela está viva e muito bem, embora tenha bastante idade. Mora na Avenida Trompowsky, em Florianópolis. Nos recebeu com carinho para falar sobre sua experiência de oito semanas no Albor. Foram duas horas e meia que não sentimos passar. Boa de conversa, ela nos contou histórias maravilhosas da época que morou na cidade da Laguna.

Ainda em fevereiro entrevistamos o desembargador aposentado Norberto Ungaretti. O que o credencia como uma excelente fonte é o fato de ter morado durante toda a infância e a juventude ao lado da casa dos Bessa. Sempre foi o melhor amigo do tio Miro – irmão do meu pai. Cresceu convivendo diariamente com o jornal e a família e, segundo ele “tomando o café fraco que minha vó fazia”. Levamos quase duas semanas para conseguirmos localizá-lo e para agendarmos a entrevista. Valeu a pena. Foram mais duas horas de muita informação. A cada entrevista íamos refazendo o ambiente em que o jornal acontecia.

Durante o verão encontramos uma dificuldade extra para ir à Laguna: o preço muito alto das diárias nos hotéis. Como já estávamos com bastante material, decidimos esperar o carnaval passar, a cidade voltar ao normal para continuarmos o trabalho lá.

Assim fizemos no dia 27 de março. Desta vez ficamos cinco dias.

Os jornais antigos não podem ser fotocopiados, scaneados, nem fotografados com flash. A exposição à luz forte danifica o papel e dissolve a tinta da impressão. Não sabíamos disso antes de iniciarmos nossa pesquisa na biblioteca, em Florianópolis. Separamos um sem número de exemplos que usaríamos para ilustrar o livro. Doce ilusão. Embora estivéssemos a alguns passos de uma máquina fotocopadora e de um scanner nos dois lugares que pesquisamos, não podíamos fazer uso deles. A solução era fotografar com luz ambiente ou, se possível, natural. Na biblioteca o máximo que conseguimos foi deslocar a coleção para perto da janela. Mas as fotos ficaram péssimas. Antes de viajarmos para Laguna, o professor Maeda nos ensinou as técnicas de fotografar arquivos dessa natureza de forma que pudessem ser lidos. Viajamos com máquina e tripé a tiracolo. Lá os funcionários da Secretaria nos permitiram levar os arquivos para fora da casa e fazer as fotos no jardim. Mas o preço do filme e da revelação fizeram com que reduzíssemos muito nosso desejo de exemplificar o que descrevíamos. Em vez de mostrar, decidimos contar. Era, novamente, o bolso falando mais alto que o desejo.

Um contratempo nos pegou nessa viagem. Nós duas pegamos uma gripe horrível. Foram cinco dias de desespero. As duas com febre de 39° se revezando em carregar o tripé da máquina era cena de chorar. Só pensávamos em nossas caminhas nos esperando em casa. Os funcionários do hotel onde ficávamos hospedadas percebendo o quanto estávamos mal, nos preparavam chá com limão e mel sempre que chegávamos para dormir.

Nessa viagem conseguimos convencer o Sr. Antônio Carlos Marega a nos mostrar os arquivos das primeiras 46 edições e as duas últimas. Com muito esforço. Ele nos recebeu em casa, onde mantém um verdadeiro museu. O acervo dele é fascinante. Quando eu vi a primeira edição fiquei encantada. Me lembrei de uma expressão que meu avô usava para se referir a essa fase do início do jornal. Ele dizia que o Albor começou liliputiano. Assim era. Pouco maior que um palmo. Lindo! Com a bandeira do Brasil impressa. A última não tinha nada de mais como já sabíamos. O dono do acervo está em uma fase de colecionar canções famosas da cidade executadas por cantores lagunenses. Ouvimos umas

dez músicas, vimos todas as outras coleções dele até conseguirmos autorização para fotografarmos os exemplares que nos interessavam. Da primeira edição tiramos quase um filme inteiro para nos certificarmos do sucesso de pelo menos algumas delas. A última estava muito deteriorada e ele não nos deixou tirar do plástico onde ela está arquivada. As fotos não ficaram boas, mas pode-se ver a data da última edição. Foi o que, a duras penas, se pode conseguir.

Entrevistamos ainda durante essa viagem: Munir Soares, Márcio Carneiro, João Vicente, João Bastista Cruz, Maria Estelita Barreto, Zélia Novi, Paulo Sérgio Silva, Elisabeth Mussi, Maria Olívia Bessa Rodrigues, Mário José Bessa Fernandes. Foram 12 horas de gravação.

No mesmo dia que chegamos em Florianópolis, mandamos revelar os filmes. Graças a Deus os ensinamentos do professor Maeda tinham dado resultado. As fotos da primeira edição ficaram boas e nós respiramos aliviadas.

Já tínhamos tudo o que precisávamos para começar a escrever o trabalho. Mas durante duas semanas não conseguimos escrever nenhuma linha sequer. Mesmo com várias sugestões dadas pelo nosso orientar, o professor Locatelli, não conseguimos começar.

Dia 18 de abril, aniversário da Danielle, recebi um telefonema que estava esperando há muito tempo e que já tinha perdido a esperança de receber a tempo de valer para o trabalho. A viúva de meu tio-avô Agenor, o Tutu, estava de volta à Laguna depois de quase um ano em Brasília fazendo tratamento de saúde. E o melhor, estava muito feliz em poder nos ajudar. No dia seguinte estrada de novo. Duas horas para ir, mais duas para voltar.

Tia Enide é daquelas pessoas que vivem no passado. Mora sozinha e não tem filhos. Vive das lembranças do tempo que passou. Adora conversar. E por quase nunca ter companhia se alegra muito quando recebe alguém. A entrevista que devia ter durado, no máximo, umas três horas, durou cinco. Eu tinha deixado minha filha pequena com febre e por isso, queria voltar logo e a Danielle tinha prova naquela noite. Pretendíamos pegar o ônibus das 16 horas, mas só conseguimos chegar para embarcar às 20. E para piorar o que já estava ruim, um acidente interrompeu a estrada e levamos quatro horas e meia para chegarmos em Florianópolis. Foi nossa última viagem para Laguna.

Estabelecemos um rotina de trabalho para a redação. Nos encontrávamos de manhã, escrevíamos juntas. À tarde adiantávamos sozinhas. Depois trocávamos o que tínhamos feito sem a participação da outra. Nos corrigíamos e dávamos sugestões para novas abordagens. Foram 25 dias de trabalho.

Entregamos a primeira versão do texto para o orientador dia 12 de maio. Dia 22 tivemos uma reunião onde ouvimos as apreciações do professor. Partimos então para as correções. Uma sugestão dele era que incluíssemos mais informações sobre o cotidiano da cidade da Laguna no início de cada capítulo.

Nossos amigos da biblioteca fizeram uma festa ao nos ver novamente. Foram mais três tardes de leitura em obras sobre a cidade. Mas não achamos quase nada que coubesse na proposta do trabalho.

Com as outras correções feitas, resolvemos montar o trabalho. Unir as imagens com o texto. Como não temos impressora nos reunimos na casa de uma irmã da Danielle que nos emprestou a dela.

Foram 10 horas de trabalho ininterrupto.

Dia 7 de junho devolvemos o trabalho para o orientador e esperamos a nova avaliação.

Dois dias depois ele nos devolveu com algumas alterações para fazermos. Passamos a noite de sexta-feira, dia 9, realizando as correções.

Tiramos o sábado para imprimir o trabalho. Conseguimos uma boa impressora emprestada e das 8 às 14 horas, finalmente, concluímos a parte de texto. Decidimos, também, a apresentação da capa.

Segunda-feira, dia 12, passamos a manhã reproduzindo o material fotográfico. À tarde entregamos na gráfica.

Quinta-feira, 15 de junho do ano 2000 – dia que completava 29 anos da morte do vô Bessa – recebemos o trabalho encadernado.